



Jornal da APT

Ano 12 - N.º 50 – Abril 2007 / Março 2008

Assembleia Geral

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1 do Art. 18 dos Estatutos convoco uma Assembleia Geral ordinária da APT para reunir no próximo dia 17 de Abril pelas 18.00 horas na sala de condomínio do prédio da sede da Associação Portuguesa de Tradutores, Rua de Ceuta, 4, Linda-a-Velha.

De acordo com o n.º 5 do Art. 18 dos Estatutos, se à hora marcada não existir o quorum fixado estatutariamente, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número de sócios presentes.

Ordem de trabalhos:

- Discussão e aprovação das contas da Direcção referente ao exercício de 2007.
- Informações.
- Apreciação e deliberação sobre qualquer assunto proposto pela direcção ou por qualquer dos sócios presentes.

Lisboa, 7 de Abril de 2008

Maria Santa Montez
Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Associação Portuguesa de Tradutores

EDITORIAL

Prezados Consócios

Nos últimos meses, a Direcção da APT, eleita na Assembleia Geral de 21 de Fevereiro de 2007, além de continuar nas sendas abertas pelas anteriores Direcções, de cujo legado é herdeira, procurou perspectivar uma reestruturação que permita corresponder aos desafios actualmente colocados às instituições.

Essa reestruturação tem incidências internas e externas.

No seu início, esse processo foi desenvolvido sob a Presidência de Maria Paula Lourinho, cujos entusiasmos, empenho e contribuição aqui desejamos assinalar e agradecer.

Em Novembro de 2007, devido a alterações da sua vida pessoal, já sem a disponibilidade que generosamente dedicara à APT, Maria Paula Lourinho viu-se na necessidade de apresentar a sua demissão, tendo a Direcção, de acordo com os Estatutos, reunido em 12 de Janeiro de 2008 na

sede da APT, e eleito como Presidente, por unanimidade, Annabela Rita, membro da lista eleita para a actual Direcção e Coordenadora na APT do Grande Prémio de Tradução Literária PEN/APT (desde 1996), do Aristeion Prize for Literary Translation, do Swedish National Council for Cultural Affairs (Estocolmo, 1998-2000) e do Prémio de Tradução “Casa da América Latina” (2007). Ainda de acordo com os Estatutos, foi proposto e aceite um novo membro para completar a Direcção e reestruturou-se esta em função das funções redistribuídas, passando a constituir-se como se segue:

Presidente: Annabela Rita

Vice-Presidentes: Elizabeth Barreiros; José Eduardo Franco

Tesoureiro: Odette Jacqueline Collas

Secretário: Andrea Caneparo.

(cont. p. 3)

Membros Honorários

Yvette Centeno (1.ª Presidente) - Fernanda Portela (2.ª Presidente) – Francisco José Magalhães (3.º Presidente)
Maria Paula Lourinho (4.º Presidente)

Corpos Gerentes Biénio 2007-2008

Direcção

Presidente

Annabela Rita - Prof. Fac. Letras, Univ. de Lisboa

Vice-Presidentes

Elizabeth Barreiros - tradutora independente

José Eduardo Franco - investigador do CLEPUL, Univ. de Lisboa

Secretário

Andrea Caneparo – tradutor independente

Tesoureiro

Odette Jacqueline Collas – tradutora independente

Conselho Fiscal

Presidente

Hannelore Correia - tradutora, Professora de Tradução,
ISLA, Lisboa

Vogais

Carlota M. P. Rodrigues – tradutora independente

Duarte Mendes da Costa – tradutor independente

Mesa da Assembleia Geral

Presidente

Maria Santa Montéz – tradutora independente

Vice-Presidente

Maria Auta de Barros – tradutora independente

Secretário

Dorothea Schurig – tradutora independente

Suplentes

Ana Bela Cabral – tradutora independente

Simonetta Fasulo C. Neto – tradutora independente

Mónica Gil – tradutora independente

Comissões Especializadas

Audiovisuais

- Maria Auta de Barros

Cinema

- João Manuel Pinheiro

Prémio Trad. Cient. e Téc. LÍng. Portuguesa União Latina/FCT

- Hannelore Correia

Grande Prémio de Tradução Literária APT/ PEN Clube Português

- Annabela Rita

Prémio de Tradução Casa da América Latina

- Annabela Rita

Formação

- Francisco José Magalhães

Relações Institucionais

- Luísa Proença

*

Jornal da APT - Ficha Técnica

Director: Direcção da APT

Editor: Direcção

Coordenador: Francisco Magalhães e Andrea Caneparo

Morada da APT

Rua de Ceuta, 4/B

2795-056 Linda-a-Velha - Portugal

Tel.: + 351. 91 782 29 17

Fax.: + 351. 21 419 82 55

Internet: <http://www.appt.pt>

E-mail: aptradutores@gmail.com



Os textos digitalizados em OCR podem conter erros, pelo que pedimos desculpa aos seus autores.

Os textos assinados e identificados enviados à Direcção são da responsabilidade dos autores no que se refere a qualquer implicação de natureza jurídica e de direitos autorais.

QUOTA 2007 Portugal: 45,00 € Estrangeiro: 50,00 €	QUOTA – 2008 Residentes em Portugal: 45,00 Residentes no Estrangeiro: 50,00 Pagamentos por transferência bancária (não esqueça, p. f., a sua referência de sócio) Montepio Geral NIB: 0036 0199 99100033216 22 IBAN: PT50 0036 0199 9910 0033 2162 2 BIC/SWIFT: MPIOPTPL
--	---

Editorial (cont. da pag. 1)

A nível interno, a reestruturação visa, em primeiro lugar, intensificar o diálogo com os sócios: está em curso uma reformulação do site da APT que procurará consagrar mais informação útil, quer no plano individual (com um endereço de e-mail dedicado aos novos sócios), quer no plano colectivo (com links de instituições e de sites úteis ao trabalho de tradução, um elenco de respostas a questões mais frequentemente colocadas e o jornal da APT on line e em versão informática, que seguirá como newsletter). Estas alterações tiveram, naturalmente, as suas implicações nos meios materiais (informáticos, de pessoal, etc.).

A nível externo, a APT expandiu o diálogo inter-institucional, associando-se a novos projectos que potenciam iniciativas em cadeia, todas elas abertas à participação dos seus associados e favorecendo, com isso, quer o convívio necessário à vida da instituição, quer vias complementares ao trabalho dos seus associados e de natureza diversa, que vão desde iniciativas de divulgação cultural junto da comunidade mais alargada até às de âmbito mais científico e, mesmo, académico. A título de exemplo, permitimo-nos destacar 2 instituições cujas iniciativas estarão abertas aos associados da APT: International Society for Iberian-Slavonic Studies COMPARES, sob o patrocínio do Instituto Camões e da Reitoria da Universidade de Lisboa, e o Instituto Europeu de Ciências da Cultura, fundado num protocolo entre a Faculdade de Letras de Lisboa e a ESAD-Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva. Algumas das iniciativas já se concretizaram (a Conferência Internacional “Iberian and Slavonic Cultures in Contact and Comparison: Towards Crisis and prosperity”, Universidade de Lisboa-Instituto Camões, 26-28 Abril de 2007: <http://www.iberian-slavonic.org/zaproszenie.html>), outras estão

já anunciadas (Conferência Internacional “Intra Muros – Ante Portas”, Universidade de Lisboa-Instituto Camões, 8-10 Maio de 2008), outras, ainda, estão em fase de formalização e/ou de iminente início. Nelas, em geral, a APT surge acompanhada de muitas e prestigiadas instituições nacionais e internacionais. Delas, caso a caso, a APT vos irá dando notícia.

A este trabalho, em curso, mas já com alguns resultados visíveis e que a Direcção desejava comunicar-vos, se deve o atraso na elaboração deste número do Jornal da APT. Contamos com a vossa compreensão.

Este trabalho complementa o que tradicionalmente já consolidou a intervenção da APT no espaço nacional e a sua associação a outras instituições prestigiadas (União Latina, CIAL, etc.): em especial, os Prémios de Tradução Literária e Técnica e a vertente de Formação Profissional, cujas Coordenações são indicadas no Jornal.

E este trabalho só se poderá concretizar plenamente com a participação de todos, a quem antecipadamente agradecemos, e a quem pedimos para que nos enviem as observações que entenderem, que ponderaremos com a maior atenção.

Antes de terminar, gostaríamos de deixar uma palavra de apreço pelo trabalho e dedicação das anteriores Direcções, nas pessoas dos seus Presidentes, Francisco Magalhães e Maria Paula Lourinho, a quem desejamos o maior êxito nas suas tarefas e em cuja colaboração teremos sempre o maior prazer.

A todos, as mais calorosas saudações e renovados votos de continuação de um Bom Ano de 2008!

A Direcção.



EVENTOS

A APT promoveu na EXPOLÍNGUA

(http://www.expolingua.pt/documents/Programa_2008.pdf; <http://www.appt.pt/CGI-BIN/2Nivel.asp?ch=3&nid=86>), na sexta-feira, 29 de Fevereiro de 2008, às 15h, uma sessão dedicada ao Acordo Ortográfico que contou com as prestigiadas presenças do Embaixador Luis Fonseca (Secretário Executivo da CPLP), do Prof. Doutor Malaca Casteleiro (Linguista e Membro da Academia que participou no processo de elaboração do Acordo), do Prof. Doutor Fernando Cristóvão (Presidente da ACLUS-Associação de Culturas Lusófonas e principal coordenador do Dicionário Temático de Lusofonia, 2005), do Dr. José Jorge Letria (Administrador da Sociedade Portuguesa de Autores) e do Dr. Francisco Nuno Ramos (Administrador do Observatório da Língua Portuguesa). A sessão, coordenada pela Presidente da APT (Profª Doutora Annabela Rita), contou com a presença do Presidente da EXPOLÍNGUA, Dr. Renato Borges de Sousa, e com a participação empenhada de outros representantes institucionais, especialistas e jornalistas nacionais e estrangeiros.

O Grande Prémio de Tradução Literária

APT / PEN CLUB PORTUGUÊS, patrocinado pelo Ministério da Cultura (Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas), foi atribuído ao Professor Doutor Aires Augusto Nascimento pela sua tradução da obra UTOPIA, de Thomas Morus, editada em 2006 pela Fundação Calouste Gulbenkian, com estudo introdutório do Professor Doutor José de Pina Martins e fac simile do texto latino. A sessão de entrega do Prémio teve lugar no dia 29 de Fevereiro pelas 16h30 no Centro de Congressos de Lisboa, integrada no Programa da EXPOLINGUA – Portugal (http://www.expolingua.pt/documents/Programa_2008.pdf; <http://www.appt.pt/CGI-BIN/2Nivel.asp?ch=3&nid=85>) e contou com a presença dos representantes das instituições implicados na iniciativa, incluindo o Presidente da EXPOLÍNGUA e o Director Editorial da Fundação Calouste Gulbenkian, além de se ter registado a participação de personalidades de outras instituições académicas e de investigação. O discurso do tradutor premiado está, em versão abreviada pelo próprio, publicado nesta edição do nosso jornal.

Palavras de afecto, com memória

Para José V. de Pina Martins,
pelas *Histórias de Livros para a História do Livro*
Aires A. Nascimento

(*Texto do premiado com o Grande Prémio de Tradução Literária, entregue no dia 29 de Fevereiro na Expolingua 2008.*)

Quando se intervém na preparação de um livro, escolhendo as soluções que melhor parecem convir a uma edição, a confiança prestada pelo autor e seus familiares não sossega, mas acicata; sobretudo quando a personalidade do autor se mede pelos alto apreço que colocava nos livros bem feitos e pelo requinte que punha em lhes proporcionar a veste mais adequada para que o acto de leitura fosse ritualizado e a atitude perante o livro revelasse o respeito merecido por autor e pelo seu texto. Não sei agora que máscara me convém no cenário de apresentação: se a de penitente, por não ter sido capaz de levar a cabo a missão confiada se a de criança que ficou deslumbrada com o presente que lhe colocaram nas mãos em vésperas de Natal e lhe apetece partilhar com outros a alegria da prenda que lhe devolveram depois de nela ter posto à prova as suas capacidades.

Se há razões para vestir o saco de penitente, salvar-me-á a compreensão de quantos saberão por inteiro que não sou técnico de edição e por isso estou disposto a envergar o escapulário penitencial por não ter sabido merecer a confiança que me foi adiantada. Se houve razões para o livro ter sido entregue, na sua forma concluída, ao seu autor em véspera de Natal, motivos há para, feita a romagem de Reis, o passar para as mãos de quantos saberão nele apreciar os problemas do livro na cultura portuguesa através das memórias de uma personalidade tão distinta como Pina Martins que, melhor do que nenhum outro entre nós, soube cultivar o amor dos livros e partilhar com outros a cultura do livro.

Ao longo dos meses que levou o trabalho de preparação da *Utopia de Thomas More* em edição portuguesa (com texto latino e respectiva tradução, com comentários e introdução), tive a dita de receber confidências que me levavam a entender que estaria para breve um livro de memórias do Prof. Pina Martins sobre a formação da sua biblioteca, tendo-me sido, então, dado a conhecer o próprio título: “*Histórias de Livros para a História do Livro*”. Tinha-me apercebido de como os acontecimentos de um período largo da vida de Pina Martins tinham passado para a *Utopia III* (perdida que fora uma *Utopia II* que não chegara até nós...). Grande era, de novo, a minha expectativa perante a hipótese de rever cenários que nalguns traços se me revelavam inéditos quando o seu autor me concedia antecipar o conteúdo. Não imaginei, a essa altura, a riqueza de pormenores que uma memória prodigiosa havia guardado e reproduzia com total fidelidade naquilo que eventualmente eu podia recuperar. Muito menos imaginava os modos como o “*état civile*” de personalidades envolvidas na trama dos acontecimentos iam passar ao texto, numa metalepse inexcusável de que o escritor exímio que é Pina Martins já havia dado provas em *Utopia III*.

Há, de facto, surpresas narrativas no discurso das memórias que figuram neste livro. Há também juízos de si-

tuação, como pertence ao género utópico haurido na fonte lídima que é a *Utopia* de Tomás Moro. Os caminhos percorridos não estão vazios e os livros trazidos à colação têm, todos eles, uma história humana que se entretetece no encontro com exemplares concretos e no afecto por eles, mesmo quando, por motivos ponderosos, eles passam para outras mãos ou de novo regressam a buscar o refúgio que lhes faltou durante anos incertos. Há também alguns rostos fugidios como há figuras permanentes, num diálogo de cultura, disposto a dar e a receber numa longa duração entretecida de pequenos / grandes gestos: os encontros com Eugénio Asensio prolongam-se, os momentos de leitura alargam-se em encadeamentos de lembranças, as situações mais imediatas transfiguram-se em nomes de disfarce, as peripécias de algum desencontro têm razões recônditas, alguns fantasmas ganham corpo e incarnam desilusões... Tudo, no entanto, se reconfigura para uma imagem larga de uma cultura que tem alguma má consciência do trato mantido com o livro na sua longa duração. Alguém me sugeriu que decifrasse os disfarces saborosos da ficção; hesitei admitir essa hipótese, mas acabei por rejeitá-la pois se o fizesse ou se aceitasse contribuir para isso teria traído o modo do texto e a mensagem que transmite: não são os indivíduos que contam, mas as atitudes que a todos pertencem – outros serão certamente capazes de recompor a paisagem sem anular a distância; não me senti capaz de o fazer sem me arriscar a perder o que era essencial no afecto pelos livros.

Neste momento, o meu testemunho é naturalmente afectivo e dirige-se à pessoa do autor. Escolhi para o representar na capa do livro o quadro do “*Librarian / Il Libraio*” de Giuseppe Arcimboldo. A escolha pretendia ser homenagem, mas ficava-me a dúvida do valor do título do quadro: é ambivalente o termo inglês – *Bibliotecário* ou *Livreiro*?; é mais explícito o valor do termo italiano. Preferi entender “*O homem dos livros*”. De permeio, surgiu-me uma personagem do *Dom Quixote* que se embrenha na leitura dos livros que o absorvem mentalmente, mas parecem não descer ao coração.

Contrariamente, ao longo de toda a sua vida, José Vitorino de Pina Martins amou os livros e cedo começou a reconhecer neles uma identidade que lhe revelava os meandros da cultura ocidental que ele ama intensamente. Dedicou-se particularmente ao estudo do livro impresso, por descobrir nele factor instrumental de criação e difusão de cultura. Constituiu uma biblioteca, selectiva – tanto de unidades representativas do percurso do livro como objecto cultural quanto de autores que preencheram as leituras dos tempos maiores da cultura ocidental.

Grande leitor, qualidade que o irmana com tantas outras figuras cimeiras que pela leitura desejaram prolongar-se na memória comum (Jorge Luis Borges escreveu que preferia

ser recordado como leitor a ser tido como escritor), Pina Martins soube distinguir com o seu apreço as edições que dão ao leitor o instrumento cuidado para que a dignidade da obra seja posta em relevo. Que diferença há, pergunta ele, entre ler Horácio por uma edição banal que não cuida a forma de apresentação (nem o texto) e uma edição aldina, onde a sobriedade e a elegância tipográficas vão a par de um formato preparado para que o leitor lhe dê o aconchego que o afecto reclama? A pergunta não é retórica, pois um exemplar da edição aldina de Horácio de 1501 era uma das jóias que, com toda a razão, Pina Martins gostava de mostrar, com carinho, e revestiu de particular cuidado, em encadernação marcada pela cor e pelo desenho.

Sendo extremamente rara, essa edição é exemplificativa de um momento da tradição dos clássicos: no formato pequeno e na elegância de apresentação permite que a leitura passe da sala de estudo para os espaços comuns, dos tempos delimitados para os tempos abertos (do ócio) – garantindo-lhe o afecto que se concede ao que se ama e se pode segurar na palma da mão ou guardar no bolso, junto do coração, sem ser molestado.

A lição está no primeiro poema de Catulo e é emblemática para Pina Martins: “A quem dar este elegante livrinho, alisado das suas asperezas pela pedra que as consegue aliviar”? – perguntava o poeta romano. Ao longo da sua vida, Pina Martins foi construindo persistentemente a sua biblioteca (não uma qualquer – aquela que se habita pelo interior e no interior do espírito se molda); foi-a alicerçando em exemplares carregados de história – ao sabor de histórias que foram ficando na memória, enquanto para os livros buscava em espaços condignos onde os exemplares pudessem ser colocados. Cuidando dessa biblioteca, abriu-a a outros e coloca-a agora à disposição de todos quantos queiram entender e refazer com ele o seu percurso...

Em livro de memórias, conta por cinquenta e quatro os anos em que, entre 1949 e 2003, foi alargando a sua peregrinação até recolher, em santuário cuidadosamente preparado, as obras maiores de uma cultura humanista que ele assinalara como necessárias ou lhe vieram ao encontro de variadas partes e acolheu com extremado carinho.

O número de 54 é de anos, mas é também o dos capítulos do livro e tem referência a momentos precisos. Não é número de ficção, mas nela se dilata; é que, não deixa de ser significativo que esse número corresponda ao das cidades da Utopia moreana.

Ao livro apreciou-o Pina Martins de forma singular, ao reinventar para os nossos dias através da sua Utopia III – enquanto esperava promover uma edição portuguesa do livro originário, por ser emblemático para a gesta dos Descobrimentos portugueses. Ao seu autor, Tomás Moro, admirou-o longamente no perfil de “personalidade das mais cândidas que conheceu o sol entre os homens”; com ele estabeleceu convívio diário, admitindo uma identidade que se projecta na obra escrita...

Em estilo memorialista, entretecendo recordações culturalmente marcantes e no meio de alguma ficção e humor erasmiano (entre os autores preferidos está também Erasmo), recria Pina Martins situações que constituem um retrato vívido da história do livro e dos seus agentes na sociedade ocidental e particularmente na sociedade portuguesa (retratando leitores, livreiros, bibliotecários, homens de cultura – alguns profissionais, outros curiosos, uns tantos simples diletantes, outros, alguns poucos justamente motivados, mas não faltam entre eles motejadores – entre os universitários – e até falsificadores, entre os livreiros). Dedicada particular atenção a momentos da história primitiva do livro português e traz a primeiro plano algumas das personalidades com quem foi seleccionando e construindo as suas opções e seleccionando os exemplares da(s) sua(s) biblioteca(s) – sendo a interior a mais larga, mas não sendo menos nobre a que foi colocando nos espaços do salão, onde a companhia de Pico della Mirandola, em retrato resgatado em Paris, e a de Erasmo de Roterdão, ou só ou ficcionado em visita a seu amigo Tomás Moro, em Londres, emprestam o ar respeitabilíssimo de Humanismo que Pina Martins representa no panorama cultural português do século XX.

Quem se habituou a ler a obra (que é larga) de Pina Martins encontrará mais uma vez aqui, nesta obra, o saber repartido com elegância, o humor distribuído com graça e magnanimidade, a gentileza aristocrata de quem partilha com os outros aquilo que ama. Por acréscimo, o leitor terá a oportunidade de, querendo, se ver ao espelho e de se enfrentar com a problemática do livro na cultura da nossa terra e do nosso tempo. Lendo-o e recolhendo as suas lições, talvez devamos (todos) ao seu autor a homenagem de nos empenharmos em remediar lacunas e tomar iniciativas que se impõem: a começar pelo carinho que devemos à biblioteca material cujas portas aqui se abrem de par em par.

COMUNICAÇÕES AOS ASSOCIADOS

Quotizações em dívida

Caro Associado,

Recordamos-lhe que as quotas anuais da APT devem ser pagas no mês de Janeiro de cada ano pelo que, se ainda não o fez, solicitamos-lhe que proceda à liquidação das quotas em atraso com a brevidade possível.

Obrigado pelo seu sentido cívico.

A Direcção da APT



O seu espaço no Jornal da APT

Caro Associado,

Se desejar publicar no Jornal da APT alguma notícia ou artigo relacionados com a actividade de tradução, envie-nos os seus escritos para o endereço e-mail: aptradutores@gmail.com.

Os textos considerados relevantes e pertinentes pela equipa editorial serão publicados.

Gratos antecipadamente pela vossa colaboração,

A Direcção da APT

COMUNICAÇÕES AOS ASSOCIADOS

Pagamentos não identificados

Caro Associado,

Ao efectuar o pagamento da sua quota por transferência bancária, deve sempre identificar-se com o seu nome ou o número de membro da APT. Caso contrário é impossível sabermos a quem se refere o pagamento. Assim, solicitamos ao/à sócio/a que fez uma transferência bancária em nome de JOSÉ AUGUSTO MATOS BORGES para se identificar, a fim de podermos enviar o respectivo recibo e a vinheta para o cartão.

Em 2006 foi recebida uma quantia em numerário no valor de 45,00 €, sem qualquer identificação no envelope nem no interior, pelo que se solicita-se ao Associado que efectuou aquele pagamento para se identificar.

Gratos pela atenção,

A Direcção da APT

'Chegar longe a custo zero'

Caro Associado,

O correio electrónico é presentemente o meio de comunicação que nos permite 'chegar longe a custo zero'.

Na perspectiva de divulgarmos por aquela via informação relativa às actividades da APT, gostaríamos que nos indicasse o seu endereço e-mail de contacto com a brevidade possível.

Para tal, basta enviar um e-mail para o endereço aptradutores@gmail.com através da sua conta de correio electrónico, indicando o seu nome.

Obrigado pela sua colaboração.

A Direcção da APT



Institut Français de Bratislava

Service de Coopération et d'Action Culturelle > Apprendre le français
en Slovaquie > A l'université

Un atelier de traduction BD

Mise en place de l'atelier

Le lecteur, arrivé au département de français de la Faculté de pédagogie en septembre 2004, a proposé aux étudiants de participer à la traduction du Sceptre d'Ottokar de Hergé, en collaboration avec M. Rimbart, attaché de coopération linguistique et éducative de l'Institut Français de Bratislava, et avec le soutien de Mme Butašová alors directrice du département des langues romanes. Projet para-universitaire tout à la fois linguistique et culturel, cette traduction avait initialement pour but de contribuer à faire connaître la BD en Slovaquie et, dans le cadre plus particulier de l'atelier, de permettre aux étudiants intéressés d'aborder la langue française et la culture francophone sous un autre jour.

Véritable travail de coopération, cet atelier s'est déroulé durant les deux semestres de l'année 2004/2005 à raison d'une heure et demie par semaine, avec la bonne volonté de cinq étudiantes - Dagmar Haláková, Adriana Havková, Bohumila Krčmáriková, Emília Mikušová et Marianna Šteňková - et le concours de Zuzana Procházková, jeune traductrice d'emblée intéressée par cette aventure. En effet, le projet devant aboutir à une publication, il s'agissait de réaliser un texte publiable, c'est-à-dire correct sur le plan linguistique comme sur celui des références culturelles, objectif impossible à réaliser seul.

De son côté, Mme Butašová, que le projet intéressait vivement, a fait en sorte que cette activité soit reconnue au niveau du département, en permettant de l'intégrer aux cours du lecteur, ce qui permit aux étudiantes de bénéficier de crédits universitaires.

Enfin, cette activité a été l'occasion pour ces cinq étudiantes d'organiser une association à vocation culturelle au sein du département de français : l'association Tradufan.

Un travail avant tout collectif

Sur le plan méthodologique, et en accord avec la traductrice, il fut décidé que le premier semestre serait consacré à la traduction collective des vingt-cinq premières pages de la BD, et que le second semestre verrait le reste de l'album réparti entre les cinq étudiantes - soit huit pages par personne.

Grâce à cette répartition du travail, il fut possible tout au long du premier semestre, de confronter les différentes ver-

sions, de prendre le temps de se poser des questions, et de décider après concertation de la traduction qu'il convenait de retenir. De fait, si cette phase du travail n'a pas permis une progression rapide de la traduction, elle a en revanche permis aux étudiantes de se poser de « vraies » questions de traduction concernant les noms, les sons et onomatopées, les proverbes, et plus généralement les questions inhérentes à la traduction d'un texte. Quant au travail du second semestre, il devait permettre une certaine responsabilisation de chaque étudiante, puisque chacune devait travailler seule sur une partie de la BD, avant de présenter son travail au reste du groupe et à la traductrice, dans le but là encore de confronter les diverses hypothèses en présence avant de se mettre d'accord sur la meilleure traduction possible. Concernant l'intervention de la traductrice, il fut d'emblée évident que son rôle devait être davantage un rôle de consultante plutôt qu'un rôle de directrice des travaux. De fait, sa présence assurément indispensable pour valider les propositions faites, et le cas échéant relancer les questions, a toujours été entendue en ce sens par les étudiantes.

Ainsi, au terme de ces deux semestres, l'ensemble des soixante-deux pages de la traduction fut envoyé à l'éditeur ; la première étape du travail étant ainsi accomplie. Puis, à la rentrée 2005, une seconde étape consista en une relecture et en une correction générale du texte - certaines erreurs subsistant, ou certaines formulations devant être améliorées - avant sa parution en décembre 2005.

Le suivi du projet

Suite à la parution de la BD, une conférence a été organisée à l'Institut français de Bratislava le 16 février 2006, regroupant trois des étudiantes ayant participé à la traduction, la traductrice et le lecteur.

Par ailleurs, avec le concours de l'Institut français de Bratislava et des Alliances françaises de Slovaquie, des présentations sont prévues d'ici à la fin du mois de juin 2006 dans différents établissements scolaires du pays, afin de présenter ce travail aux élèves francophones, et plus généralement à tous ceux que la bande dessinée intéresse.

Institut Français de Bratislava
Service de Coopération et d'Action Culturelle
Sedlarska 7, Bratislava
Tel. (421) 2 59 34 77 72 - Fax. (421) 2 59 34 77 99
fonte: http://www.france.sk/ifb/article.php3?id_article=642

“A Message to Garcia”

by Elbert Hubbard

“In all this Cuban business there is one man stands out on the horizon of my memory like Mars at perihelion. When war broke out between Spain and the United States, it was very necessary to communicate quickly with the leader of the Insurgents. Garcia was somewhere in the mountain fastnesses of Cuba—no one knew where. No mail or telegraph could reach him. The President must secure his co-operation, and quickly. What to do!

Someone said to the President, “There’s a fellow by the name of Rowan will find Garcia for you, if anybody can.” Rowan was sent for and given a letter to be delivered to Garcia. How “the fellow by name of Rowan” took the letter, sealed it up in an oil-skin pouch, strapped it over his heart, in four days landed by night off the coast of Cuba from an open boat, disappeared into the jungle, and in three weeks came out on the other side of the island, having traversed a hostile country on foot delivered his letter to Garcia—are things I have no special desire now to tell in detail.

The point I wish to make is this: McKinley gave Rowan a letter to be delivered to Garcia; Rowan took the letter and did not ask, “Where is he at?” By the Eternal! There is a man whose form should be cast in deathless bronze and the statue placed in every college in the land. It is not book-learning young men need, nor instruction about this or that, but a stiffening of the vertebrae which will cause them to be loyal to a trust, to act promptly, concentrate their energies; do the thing — “Carry a message to Garcia.” General Garcia is dead now, but there are other Garcias.

No man, who has endeavored to carry out an enterprise where many hands were needed, but has been well-nigh appalled at times by the imbecility of the average man – the inability or unwillingness to concentrate on a tying and do it. Slipshod assistance, foolish inattention, dowdy indifference, and half-hearted work seem the rule; and no man succeeds, unless by hook or crook, or threat, he forces or bribes other men to assist him; or mayhap, God in His goodness performs a miracle, and sends him an Angel of Light for an assistant.

You, reader, put this matter to a test: You are sitting now in your office—six clerks are within your call. Summon any one and make this request: “Please look in the encyclopedia and make a brief memorandum for me concerning the life of Correggio.” Will the clerk quietly say, “Yes, sir,” and go do the task?” On your life, he will not. He will look at you out of a fishy eye, and ask one or more of the following questions: Who was he? Which encyclopedia? Where is the encyclopedia? Was I hired for that? Don’t you mean Bismarck? What’s the matter with Charlie doing it? Is he dead? Is there any hurry? Shan’t I bring you the book and let you look it up yourself? What do you want to know for? And I will lay you ten to one that after you have answered the questions, and explained how to find the information, and why you want it, the clerk will go off and get one of the other clerks to help him find Garcia – and then come back and tell you there is no such man. Of course I may lose my bet, but according to the Law of Average, I will not. Now if you are wise you will not bother to explain to your “assistant” that Correggio is indexed under the C’s, not in the K’s, but you will smile sweetly and say, “Never mind,” and go look it up yourself.

And this incapacity for independent action, this moral stupidity, this infirmity of the will, this unwillingness to cheerfully catch hold and lift, are the things that put pure socialism so far into the future. If men will not act for themselves, what will they do when the benefit of their effort is for all? A first mate with knotted club seems necessary; and the dread of getting “the bounce” Saturday night holds many a worker in his place.

Advertise for a stenographer, and nine times out of ten who apply can neither spell nor punctuate—and do not think it necessary to. Can such a one write a letter to Garcia?

“You see that bookkeeper” said the foreman to me in a large factory.” Yes, what about him?” “Well, he’s a fine accountant, but if I’d send him to town on an errand, he might accomplish the errand all right, and, on the other hand, might stop at four saloons on the way, and when he got to Main Street, would forget what he had been sent for.” Can such a man be entrusted to carry a message to Garcia?

We have recently been hearing much maudlin sympathy expressed for the “down-trodden denizen of the sweat shop” and the “homeless wanderer searching for honest employment,” and with it all often go many hard words for the men in power. Nothing is said about the employer who grows old before his time in a vain attempt to get frowsy ne’er-do-wells to do intelligent work; and his long patient striving with “help” that does nothing but loaf when his back is turned. In every store and factory there is a constant we “help” that have shown their incapacity to further the interests of the business, and others are being taken on. No matter how good times are, this sorting continues, only if times are hard and work is scarce, this sorting is done finer – but out and forever out, the incompetent and unworthy go. It is the survival of the fittest. Self-interest prompts every employer to keep the best—those who can carry a message to Garcia.

I know one man of really brilliant parts who has not the ability to manage a business of his own, and yet who is absolutely worthless to anyone else, because he carries with him constantly the insane suspicion that his employer is oppressing, or intending to oppress, him. He can not give orders, and he will not receive them. Should a message be given him to take to Garcia, his answer would probably be, “Take it yourself.” Tonight this man walks the streets looking for work, the wind whistling through his threadbare coat. No one who knows him dare employ him, for he is a regular firebrand of discontent. He is impervious to reason, and the only thing that can impress him is the toe of a thick-soled No. 9 boot.



Of course I know that one so morally deformed is no less to be pitied than a physical cripple; but in your pitying, let us drop a tear, too, for the men who are striving to carry on a great enterprise, whose working hours are not limited by the whistle, and whose hair is fast turning white through the struggle to hold the line in dowdy indifference, slipshod imbecility, and the heartless ingratitude which, but for their enterprise, would be both hungry and homeless.

Have I put the matter too strongly? Possibly I have; but when all the world has gone a-slumming I wish to speak a word of sympathy for the man who succeeds – the man who, against great odds, has directed the efforts of others, and, having succeeded, finds there’s nothing in it: nothing but bare board and clothes.

I have carried a dinner-pail and worked for a day’s wages, and I have also been an employer of labor, and I know there is something to be said on both sides. There is no excellence, per se, in poverty; rags are no recommendation; and all employers are not rapacious and high-handed, any more than all poor men are virtuous.

My heart goes out to the man who does his work when the “boss” is away, as well as when he is home. And the man who, when given a letter for Garcia, quietly takes the missive, without asking any idiotic questions, and with no lurking intention of chucking it into the nearest sewer, or of doing aught else but deliver it, never gets “laid off,” nor has to go on strike for higher wages. Civilization is one long anxious search for just such individuals. Anything such a man asks will be granted; his kind is so rare that no employer can afford to let him go. He is wanted in every city, town, and village—in every office, shop, store and factory. The world cries out for such; he is needed, and needed badly — the man who can “Carry a Message to Garcia.”

February, 22.nd 1899

FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA TRADUTORES

Associação Portuguesa de Tradutores / CIAL – Lingua Service International

Coordenador: Prof. Doutor Francisco José Magalhães *

Apresentação

O facto de se saber línguas e de se ter conhecimentos de determinada área de especialização não garante à partida a capacidade de realizar uma boa tradução.

Os responsáveis pelos serviços de tradução, do sector público ou privado, verificam esta realidade pois alguns tradutores, licenciados ou não, mais ou menos competentes nas línguas estrangeiras, têm dificuldade em escrever correctamente na língua materna, não dominam suficientemente nenhuma área especializada, havendo dificuldade em garantir um bom trabalho.

Objectivos do curso

Transmitir aos formandos um conjunto de ferramentas necessárias para o exercício da sua actividade profissional.

Destinatários do curso

Tradutores profissionais e recém diplomados que queiram adquirir os mais recentes métodos de trabalho, conhecer as últimas ferramentas electrónicas ao seu dispor ou, simplesmente, actualizar e aprofundar os seus conhecimentos numa determinada área de especialização.

Organização do curso

Três módulos independentes constituídos, ao mesmo tempo, por enquadramento teórico da disciplina e por trabalho prático sob a forma de oficina.

As cadeiras práticas são sempre confiadas a licenciados na área com experiência profissional de tradução.

O Conselho Pedagógico é constituído por um grupo de reputados tradutores-formadores profissionais.

Duração do Curso

Módulo I: SUPORTE TEÓRICO DA TRADUÇÃO

duração de 30 horas
confere Certificado

Módulo II: FERRAMENTAS ELECTRÓNICAS PARA TRADUTORES

duração de 18 horas
confere Certificado

Módulo III: PRÁTICA DE TRADUÇÃO

(áreas técnicas)

duração de 24H

confere Certificado

Módulo I + Módulo II + Módulo III

confere Diploma do Curso

APT – LINGUA SERVICE INTERNATIONAL

Número de Participantes

Mínimo – 6**; Máximo – 9

Encargos

Ver valor afixado em cada módulo.

Desconto de 15% a associados da APT

** Com um grupo mínimo de 6 participantes, pode organizar-se qualquer destes módulos em qualquer data.

É igualmente possível organizar, com ajustamento de número de horas e de preço, qualquer dos módulos em regime de pequeno grupo ou individual.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA TRADUTORES**MÓDULOS DE FORMAÇÃO****2008****Módulo I – SUPORTE TEÓRICO DA TRADUÇÃO (30h)****Horário:**

Sábados: 10h – 13h e 14h – 17h

(1 hora = 50 minutos)

Datas de Início

19 de Janeiro

10 de Maio

13 de Setembro

Encargos: € 420,00 *****Disciplinas:**Noções de História, Teoria e Práticas da
Tradução

Técnicas de redacção em língua portuguesa

Revisão

Módulo II – FERRAMENTAS ELECTRÓNICAS PARA TRADUTORES (18h)**Horário:**

Sábados: 10h – 13h e 14h – 17h

(1 hora = 50 minutos)

Datas de Início

1 de Março

21 de Junho

11 de Outubro

Encargos: € 252,00 *****Disciplinas:**

Terminologia e Localização

Tradução Automática

Memórias de Tradução

Módulo III – OFICINAS DE TRADUÇÃO TÉCNICA E LITERÁRIA (24h)**Horário:**

Sábados: 10h – 13h e 14h – 17h

(1 hora = 50 minutos)

Datas de Início

29 de Março

7 de Junho

8 de Novembro

São aceites inscrições condicionais conforme o número de participantes, de acordo com os formadores e os candidatos.

Esta prática de tradução é efectuada a partir de uma língua estrangeira (Alemão, Francês, Inglês, espanhol ou Italiano) para Português.

Encargos: € 336,00 (24h tronco comum)

*** € 336,00 (24h pares linguísticos)

Áreas de Especialidade

- **Direito (48h)**
 - 1ª Fase – Terminologia do Direito Português (24h)
 - 2ª Fase – Oficina de Tradução (24h)
- **Economia (24h)**
- **Engenharia (24h)**
- **Gestão (24h)**
- **Ciências da Saúde (24h)**
- **Psicologia (24h)**
- **Ficção (24h)**

Pares Linguísticos

Inglês → Português

Espanhol → Português

Alemão → Português

Francês → Português

Italiano → Português

*** Os preços apresentados incluem: participação no curso, coffee-breaks, material de apoio e Certificado ou Diploma.

**** São necessários conhecimentos nesta área como utilizador.

InformaçõesCIAL – Lingua Service International
Av. da República, 41 – 8º
1050-187 Lisboa

Tel.: 217 940 448

Fax: 217 960 783

E-mail: linguaservice@cial.pt